

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE AGOSTINISMO E ESTOICISMO A PARTIR DE SUA TRIPARTIÇÃO DA FILOSOFIA

ANALYSIS ABOUT THE CONNECTION BETWEEN AUGUSTINISM AND
STOCISM BASED ON THEIR DIVISION OF PHILOSOPHY

Marcelo Oliveira Ribeiro *

RESUMO: O presente artigo consiste em uma análise da relação entre traços do pensamento de Agostinho de Hipona (354-430) e da corrente filosófica clássica conhecida como estoicismo, utilizando como parâmetro a abordagem agostiniana a questão da Trindade cristã em relação com a tripartição da filosofia estoica em lógica, física e ética, divisão esta que também se encontra presente em outras correntes filosóficas, por exemplo, no platonismo. Neste aspecto esta pesquisa constitui-se em uma aproximação para fins comparativos, pois, embora Agostinho tenha admitido a divisão da filosofia em três partes, na obra *A Cidade de Deus*, a referência que o filósofo faz é em relação a Platão, não aos estoicos. No entanto, através dessa aproximação, pode-se notar claramente em que aspectos o pensamento de Agostinho converge ou diverge do pensamento do Pórtico.

PALAVRAS-CHAVE: Agostinismo. Estoicismo. Trindade. Lógica. Física. Ética.

ABSTRACT: This paper consists of an analysis about the connection between characteristics of the thought of Augustine of Hippo (354-430) and of the classic philosophical school known as Stoicism, using as parameter the approach Augustinian to the question of the Christian Trinity in relation to the division of the Stoic philosophy in logic, physics, and ethics, which is also found in other philosophical schools, for example, in Platonism. In this aspect, this research is an approach to comparative aims, because, although Augustine had agreed to the division of the philosophy into three parts, in the work *City of God*, the philosopher refers to Plato, not to the Stoics. Nevertheless, through this approach, it can be noticed in which aspects the Augustine's thought converges or diverges from the Stoic's thought.

KEYWORDS: Augustinism. Stoicism. Trinity. Logic. Physics. Ethics.

Para realizar a proposta explicitada no título deste artigo, o estoicismo será tratado aqui, grosso modo, como:

* Mestrando em Filosofia - PUCRS Contato: marceloctbe@yahoo.com.br

uma unidade de *articulação racional* (lógica), em vista a um perfeito conhecimento da *natureza* (física), possibilitando *atitudes* de acordo com a estrutura do mundo (ética). *Lógica, física e ética* são, pois, partes do único estudo da filosofia estoíca. Relacionam-se e integram-se perfeitamente¹.

Da mesma forma, o sistema trinitário agostiniano traz uma unidade constituída de três termos, interdependentes, de modo que “a Trindade é um só [...] Deus, e quão retamente se diz, se crê e se entende que o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem uma só e mesma substância ou essência”².

A obra em que Agostinho trabalha mais profundamente este tema é (*Tratado sobre*) *A Trindade*, embora haja referências a esse mistério em outras obras. Agostinho vai traçar, partindo da Trindade cristã, representada pelas figuras de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, uma série de analogias, às quais me reportarei ao longo deste artigo. De modo geral, serão tratadas as referências à Trindade no aspecto 1) ontológico (medida [*modus*], número [*species*] e peso [*ordo*]), 2) do conhecimento de si, ou do homem interior (memória [*memoria*], inteligência [*intelligentia*] e vontade [*voluntas*]) e no tocante à divisão da filosofia.

Sobre este último aspecto, Agostinho ressalta que a divisão da filosofia em três partes não se deu por mera convenção. Os homens não a teriam realizado por estabelecimento, mas por perceberem-na assim³. A essa divisão também correspondem a física, a lógica e a ética, que têm seus correspondentes latinos: a filosofia natural, a racional e a moral. Vale frisar o supracitado: o hiponense não relega essa divisão aos estoicos, mas a referência feita n'*A Cidade de Deus* é Platão. Agostinho delineia a seguinte análise: o estudo da filosofia consiste na ação, em sua parte ativa, organizadora da vida, cujo principal representante é Sócrates, e na contemplação, “que pretende considerar as causas da natureza e a verdade pura”⁴, representada por Pitágoras. Coube a Platão unir essas tendências e dividi-las em três: “a moral

1 LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 186.

2 AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro I, 4.

3 *Id.* *A Cidade de Deus* (contra os pagãos). Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990, 2 v. Livro XI, 25.

4 *Id.*, *op. cit.* Livro VIII, 4.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

e diz respeito [...] à ação [e suas normas]; [...] a natural, compete à contemplação [à causa da existência]; [...] a racional, distingue o verdadeiro do falso”⁵, a razão da existência.

Posto isto, partimos à análise proposta.

Lógica

Para os estoicos, o *lógos* era o princípio de nossa existência espiritual, sendo passível de vários significados. O termo, para Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, “identifica-se com Deus”, sendo um *lógos* “criador”⁶, identificado com a razão que rege o mundo, à qual o homem deve submeter-se. Dessa base deriva a lógica estoica. Ainda em Zenão encontramos a concepção de que a palavra é a forma como se manifesta o *lógos*⁷. Dada essa importância à palavra teremos, conseqüentemente, uma valorização da dialética e da retórica. Já Agostinho não vê assim a questão. Pelo contrário, afirma que a linguagem humana é imprópria para a compreensão da Trindade. “Até este ponto chegou o valor das palavras: para lhes conceder o mais possível, incitamos-nos apenas a buscar as coisas, não no-las apresentamos para as conhecermos. [...] Com palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras”⁸. Desse modo, para o filósofo de Hipona, o Verbo divino se distingue do verbo humano, pois, enquanto este, não sendo totalmente gerado pela alma, é passível de dúvida, aquele é sempre verdadeiro, “essência de essência”⁹. Há, inclusive, n’A *Cidade de Deus*, VIII, 8, uma crítica aos estoicos: “Não se lhes comparam [aos platônicos] tampouco os estoicos, que, apaixonados pela arte de discutir, que chamam dialética, a fazem provir dos sentidos do corpo.” Ainda em se tratando das divergências entre agostinismo e estoicismo, é interessante ressaltar que “o conceito do *lógos* divino, na metafísica do latino Agostinho, perde importância em respeito ao conceito de *intellectus*”, conforme afirma Pohlenz¹⁰.

Agostinho louva a Deus como a Providência universal, lei de todas as coisas, de quem procede toda regra, toda beleza e ordem. Daí podemos inferir que Agostinho e os estoicos

5 SÉRVULO, M. “A Ética em Agostinho a partir de duas Similitudes Trinitárias: A Filosofia (Física, Lógica, Ética) e a trindade do conhecimento de si (*memoria, intelligentia, voluntas*)”. *Veritas*. Porto Alegre, v. 40, n. 159, p. 351-354, set. 1995.

6 ULLMANN, R. A. *O Estoicismo Romano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 17.

7 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. I, p. 60-61.

8 AGOSTINHO, Santo. *O Mestre*. Tradução de António Soares Pinheiro. 3. ed. São Paulo: Landy Editora, 2006, p. 101.

9 *Id. A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro XV, 24 e nota.

10 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. II, p. 373.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

aproximam-se ao relegar a ordem do mundo a um princípio lógico e ordenador. Fica claro, para o filósofo hiponense, que há uma abominação do panteísmo como se nota na seguinte passagem das *Confissões*: “Não são os vasos que enches que te dão forma estável, porque, quebrando-se eles, tu não te derramas. E, quando te derramas sobre nós, não te rebaixas, mas elevas-nos, nem te dissipas, mas nos congregas”¹¹. Clareza esta que falta ao estoicismo, visto que os filósofos do Pórtico não deixam muito claro se a participação do *lógos* no mundo remete a um panteísmo ou a um panenteísmo.

Se tanto Agostinho quanto os estoicos têm a divindade, seja ela o Deus cristão ou o *lógos*, como um princípio imaterial (pois, embora relacionado com o fogo, os estoicos não fazem a relação com o fogo físico), quanto à materialidade da alma, encontramos mais uma divergência. A Estoá a sustenta como um *pnêuma* corpóreo, ao passo que Agostinho a trata por um elemento imaterial¹².

Para o estoicismo, a lógica não tinha um caráter meramente propedêutico, mas estava equiparada à física e à ética. Epicteto vai afirmar que a lógica assegura, a quem a ela se dedica, firmeza e equilíbrio em todas as circunstâncias da vida, fornecendo o modo de agir corretamente. Nesse aspecto, é fator pertinente à questão do “conhecer”.

Da teoria estoica do conhecimento pode-se dizer que era dualista, relevando a relação sujeito e objeto. O conhecimento seria “a relação entre ambos e se concretiza pela presença do objeto, no sujeito”¹³. Também caracteriza-se sensista, pois essa presença do objeto no sujeito é a imagem. Os sentidos são afetados pelos objetos, constituindo a fonte do conhecimento, de modo que, para os estoicos, só o corpóreo é realmente existente. O incorpóreo só existe como pensamento ou enunciação¹⁴. O intelecto somente irá trabalhar as imagens, transformando-as e agrupando-as. Nesse âmbito, a problemática gnosiológica estoica será o critério para se chegar à verdadeira apreensão dos objetos (*catalepsy*). Esta dependerá de fatores como:

normalidade dos órgãos dos sentidos, adequada distância espacial e temporal, entre sujeito cognoscente e o objeto a conhecer-se; duração suficiente para a apreensão; ausência de entremeios que obstaculem uma sensação normal; repetição das sensações pelo mesmo cognoscente; e

11 AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 9.

12 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. II, p. 376.

13 LARA, T. Adão. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 194.

14 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1ª ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. I, p. 120 e II, p. 39.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

concordância no testemunho de vários sujeitos cognoscentes, a respeito de determinada sensação¹⁵.

A esta concepção pode-se opor o idealismo de Agostinho, para quem o verdadeiro conhecimento é inato e fruto da iluminação divina. De fato, para o hiponense, “os sentidos nunca se enganam, e, portanto, o que eles captam é, para o ser humano, a verdade. Dizer que esta verdade constitui a verdade do mundo, no entanto, pode ser um erro”¹⁶. No livro VII, 23 das *Confissões*, Agostinho sustenta que o imutável deve antepor-se ao mutável, de modo que a obra de Deus, ou seja, o visível, que pode ser apreendido pelos nossos sentidos, é apenas um meio para atingirmos as verdades supremas e racionais; utilizamos o conhecimento para atingirmos tais verdades.

Ainda na questão do conhecimento podemos aproximar as duas doutrinas. Crisipo distinguia o conhecimento entre conceitos morais e sensoriais: “Enquanto estes são recebidos simplesmente das impressões provenientes do exterior, os conceitos morais têm sua base na experiência interna, por meio da qual o ser vivente tem consciência de si mesmo e [...] descobre o verdadeiro bem no que é conforme com sua natureza racional”¹⁷.

De modo muito semelhante, na Cidade de Deus, Agostinho cita que “chamamos sensíveis as coisas que podem ser sentidas pela vista e pelo tato do corpo, inteligíveis as que podem ser entendidas pela vista da inteligência. [...] Desde a criação do mundo, os olhos da inteligência veem, no espelho das realidades visíveis, as perfeições invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua divindade”¹⁸. Percebemos aí que as duas doutrinas admitem a existência e distinção entre a sensibilidade e a inteligência. A divergência encontra-se na ênfase ou relevância que cada uma dará a um ou outro fator.

Na obra *A Trindade*, Agostinho vai expor alguns sistemas trinitários que podem servir de analogia entre a primeira pessoa da Trindade cristã (Deus Pai) e a lógica estoica. De acordo com a obra em questão, são encontrados, em todo o universo, como vestígios do Criador, a medida (*modus*), o número (*species*) e o peso (*ordo*). Nesses princípios da ontologia

15 LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 194.

16 GUIMARÃES, A.; MATOS, C. E., et al. “Santo Agostinho: O Idealizador da Revelação Divina.” *Nova Escola Especial Grandes Pensadores*. Volume único/ número 19 (2008), p. 17-19.

17 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. I, p. 107-108.

18 AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus* (contra os pagãos). Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. 2 v. Livro VIII, 6.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

agostiniana, a medida determina o modo de existência de cada ser, conferindo-lhe unidade, ontologicamente. Em uma relação Criador x criatura, Deus seria a causa eficiente¹⁹. Ressalta-se isto na cidade de Deus: O Criador é, em sumo grau, “Autor de toda essência, [...] que [...] de modo algum poderia existir, se não fosse feita por Ele”²⁰. Em outro sistema constante n'A *Trindade*, relativo ao homem interior, a primeira pessoa é equiparada à mente. Apesar de o termo “mente” (*mens*) ser bastante elástico, na linguagem agostiniana, temos aqui o mesmo relacionado com a alma, em sua parte superior, que assemelha cada pessoa a Deus. Na divisão da filosofia expressa n'A *Cidade de Deus*, a lógica refere-se à parte racional do estudo, que deve distinguir o que é verdadeiro e o que é falso, explicitando a razão da existência.

Ora, a lógica estoica, como articulação racional, como a ferramenta para compreensão das formas e leis do pensamento e da natureza do *lógos* (identificado com “Deus criador”), encontra paralelos com a concepção agostiniana da Primeira Pessoa da Trindade e suas já citadas analogias.

Física

Alguns intérpretes têm o estoicismo como pensado a partir do monismo: *lógos* e matéria não seriam dois seres distintos, mas raízes que integram um todo único. Entre *lógos* (alma, *pnêuma*) e matéria (presença externa) não haveria transcendência. A natureza não seria um mundo físico entregue a um movimento arbitrário, sujeito ao acaso, mas ordenado pelo *lógos*, o que lhe conferiria harmonia²¹.

De modo semelhante, para Agostinho a beleza do mundo é reflexo da beleza divina (“E Deus viu tudo quanto havia feito e achou que estava muito bom”²²). Sobre a criação em Agostinho, Pohlenz cita que “esta não é outra coisa que a obra de Deus, e sua regularidade se funda no fato de que Deus, também depois da criação, continua como ser ativo no mundo”²³. Podemos ver, portanto, que assim como o estoicismo, Agostinho creditava a beleza do mundo à Providência, que o compôs segundo uma ordem perfeita e de precisa expressão, sendo um organismo unitário no qual cada coisa ocupa seu posto e serve à totalidade segundo a lei do

19 AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro III, 16 e nota.

20 *Id.*, *op. cit.*, Livro XII, 5.

21 LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 187-188.

22 *Gênesis* 1, 31.

23 POHLENZ, Mx. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. II, p. 373.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

eterno renovar-se. Portanto, a filosofia natural (física) diz respeito à contemplação da natureza como obra de Deus.

Este “eterno renovar-se”, citado acima não deve ser confundido com o “eterno retorno” estoico. Para os filósofos do Pórtico, este seria um evento muito mais grave: a conflagração de todo o cosmos. “Se o mundo é criado [...], ele é corruptível. A corruptibilidade vai resultar na chamada *ekpýrôsis*, isto é, na conflagração universal. Ela obedece a uma periodicidade constante, implica a destruição do mundo pelo fogo”²⁴ e sua posterior reconstrução, onde todos os eventos voltariam a ocorrer, de modo idêntico ao ciclo anterior. Tal concepção é incompatível com a fé de Agostinho. Entretanto, a renovação da natureza obedeceria a um movimento inerente ao sistema, estando ligada à própria harmonia do mundo físico. A expressão “eterno renovar-se” se aproximaria mais da manutenção da obra perfeita de Deus.

Na totalidade de seres e eventos do mundo criado por Deus, os mais díspares fenômenos ocorrem harmonicamente. Agostinho cita que é ridículo condenar “os defeitos dos animais irracionais, árvores e outros seres mutáveis e mortais privados do entendimento, sentido ou vida”, como sendo esta “natureza dissolúvel sujeita à corrupção”²⁵. Pois estes modos de existência contribuem para a harmonia das diversas partes do universo. Quando um ser morre, outro nasce, “os inferiores sucumbem ante os superiores, os vencidos se transformam em qualidades dos vencedores”²⁶. Nossa natureza mortal não nos permitiria ver a ordem por trás disto, o que resultaria em um mau julgamento da obra de Deus.

A noção de totalidade também estava presente no pensamento estoico. A natureza seria uma “totalidade dinâmica e unitária, cuja vida é o *lógos*, [...] que levaria à vida todos os germes implícitos em a natureza”²⁷. Aí entramos na questão das “razões seminais” ou *lógoi spermatikoí*: a natureza conteria em si os germes de todas as modificações a que está sujeita. Este é um ponto importante da filosofia do Pórtico, o qual apresenta uma grande semelhança com o pensamento de Agostinho, o qual diz que “todos os seres já foram criados originária e primordialmente com determinada estrutura de elementos previstos e predispostos que se

24 ULLMANN, R. A. *O Estoicismo Romano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 17.

25 AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus* (contra os pagãos). Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. 2 v. Livro XII, 4.

26 AGOSTINHO, *loc. cit.*

27 LARA, T. A.. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 187.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

manifestam ao surgirem as oportunidades”²⁸. Deus é, sob essa ótica, causa de toda criação, onde residem as razões de todas as coisas²⁹.

No sistema trinitário ontológico agostiniano, podemos aproximar a física estoica ao número. O número (*species*) confere forma de existência, dando beleza e verdade a cada ser. Aí Deus seria causa exemplar do universo. No Pórtico teremos a interpretação dinâmica do universo, a compreensão da ação do *lógos* no mundo. Chama a atenção a possibilidade de compreensão da natureza, através da ciência. No livro XV, d'A *Trindade*, Agostinho trata a

ciência do homem, tomada em toda a sua extensão, como algo pelo qual conhecemos o que conhecemos – aquelas coisas que por certo têm a marca da verdade, pois de outro modo não seriam conhecidas. Ninguém conhece o que é falso, senão depois que percebe o que é falso; e se o conhece, conhece uma verdade, ou seja, sabe ser verdade que aquilo é falso.

Para os estoicos, um real conhecimento da natureza exigia a participação da matemática, física (numa concepção moderna do termo), geografia e astronomia³⁰. A relação que Agostinho faz do segundo termo com a inteligência (*intelligentia*) humana só reforça tal aproximação.

Ética

Ao passo que para o platonismo o *bem, em geral*, e para o aristotelismo o *bem de cada tipo de ser* vão apresentar-se como primeira categoria ética, “para os estoicos, a pessoa, na sua individualidade, é que se erige como centro ético”³¹. É necessário uma autoapropriação (*oikeíosis*), um “chegar a si”, para daí atingir-se círculos mais amplos, como família e pátria, culminando em um cosmopolitismo. Ou seja, de modo algum a autoapropriação constitui-se em uma atitude egoísta. Também não é algo “trans-empírico”, mas é “uma imersão do indivíduo na percepção sensível da própria vida”³².

28 AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agostino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro III, 16.

29 *Id.* *Confissões*. Edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 17.

30 POHLENZ, M.. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. I, p. 433.

31 LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 189.

32 LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989, p. 189.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Ao se compreender o “eu”, pode-se compreender a natureza e viver de acordo com ela (*vivere naturae*), pois tal atitude é “desenvolver a razão e pautar-se por ela”³³, submeter-se à ordem do universo. Esta submissão não constitui um “acomodar-se” mecânico, pois o homem precisa ter convicção moral e seguro conhecimento do verdadeiro bem para se orientar. A ação humana se distingue, desse modo, entre “o que convém” (*kathékon*) e a retidão (*katóρθoma*), denotando uma ordem de valores racional, ideal e cognoscível. Essas primeiras considerações sobre a ética estoica permitem fazer-se algumas relações com o pensamento de Agostinho.

Inicialmente, no tocante à percepção de si, que nos estoicos também está presente nos animais, os quais possuem “uma consciência de sua estrutura corpórea, de seus membros e de suas funções naturais”³⁴. Para o hiponense há uma distinção entre “*nosse*” e “*cogitare*”, ou seja, entre o conhecimento implícito, que a alma tem de si, e o momento de reflexão da alma sobre si mesma. É necessário esse segundo ato, para “que a alma não procure enxergar-se como se estivesse ausente, mas cuide de se discernir como presente. Nem procure se conhecer como se não se conhecesse”³⁵. E para quê esse conhecimento de si? “Para que se deixe governar por aquele a quem deve estar sujeita, e [colocar-se] acima das coisas que deve dominar”³⁶, ou, em outras palavras, para “viver de acordo com sua natureza”³⁷. Ora, entre esta concepção e a *oikeiosis* estoica não há grande diferença. Ambas remetem ao “chegar a si” como modo de viver corretamente. A percepção de si e o amor de si próprio é similar à alma que se conhece e se quer. Outra citação de Agostinho ratifica essa convergência entre as doutrinas: “Todas as naturezas têm, como ser, seu modo, espécie e certa paz própria e, por isso, são boas. E quando estão colocadas onde a ordem da natureza exige, conservam o ser que receberam”³⁸. A filosofia é, portanto, o campo da moralidade, uma prática do viver. Musônio Rufo afirma que “ser bom e ser filósofo é a mesma coisa”³⁹.

33 ULLMANN, R. A. *O Estoicismo Romano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 18.

34 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. I, p. 230.

35 AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro X, 12.

36 *Ibid.*, Livro X, 16.

37 AGOSTINHO, *loc. cit.*

38 *Id.* *A Cidade de Deus* (contra os pagãos). Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990, 2 v. Livro XII, 5.

39 *Apud* POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. II, p. 36.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Vimos que a ação no estoicismo tem uma importância crucial. O bem supremo, segundo a doutrina estoica, deve ser também o ponto de referência para todas as nossas ações e nossos pensamentos, se quisermos viver de modo harmonioso e coerente. Por isso devemos orientar toda nossa existência em Deus⁴⁰. Agostinho tem um pensamento semelhante:

O homem virtuoso usa tudo, e isso inclui a si mesmo, tendo em vista Deus, e ele quer um universo em que, como ele, todos os seres só usem de si mesmos tendo em vista Deus.

Chegando a este grau de virtude, em que a vontade ordena cada fim segundo seu valor exato e o ama conforme o que ele merece, o homem leva uma vida moral tão perfeita quanto possível⁴¹.

A ação na filosofia do hiponense aparece ligada à vontade. Daí retiram-se vários problemas, como o que aparece nas *Confissões* (VIII, 21): “O espírito manda no corpo, e é logo obedecido: o espírito manda em si mesmo, e encontra resistência. [...] E por quê isto?” Para Agostinho, a alma “manda somente na medida em que quer”: se a vontade não é plena, a ordem também é falha.”

Baseando-se no que foi exposto até aqui, pode-se inferir que, para o estoicismo, a verdadeira liberdade constitui-se na compreensão e aceitação do destino, não de uma forma mecânica, como já foi colocado, mas relacionando-se mais com a consciência de um determinismo universal. A virtude se constitui na retidão, que é entendida pela concordância consciente e livre com o destino. Às preocupações e emoções responde-se com a *ataraxía*, ou apatia. Esta é a condição ideal da alma e um ponto característico da filosofia estoica. Podemos buscar algo semelhante em Agostinho, já que esse estava ciente desse aspecto da filosofia do Pórtico, como pode-se averiguar n'A *Cidade de Deus*, XIV, 8: “Os estoicos afirmam, entretanto, ser o néscio, não o sábio, quem pode estar triste.”

É próprio dos homens quererem ser felizes, mas nem todos possuem a fé para chegar à felicidade pela purificação do coração, pois, para ser feliz, não basta possuir tudo o que se deseja, mas também não desejar nada o que seja mal.

A verdade é que, se refletimos um pouco, vemos que não vive como quer senão quem é feliz e que apenas o justo é feliz. Mas por sua vez, o justo não vive como quer, se não chega a estado em que não possa morrer, nem ser enganado, nem ofendido, e isso com certeza de que será sempre assim. [...]

40 POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v. II, p. 380.

41 GILSON, É. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006, p. 319.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Pois bem, que homem pode viver como quer, se o próprio viver não está em suas mãos?⁴²

A verdadeira felicidade reside, portanto, na imortalidade, de modo que quem procura Deus, procura uma vida feliz⁴³. Na presente vida, não se alcança a verdadeira felicidade. Afinal os justos, segundo Agostinho, também sofrem males, peculiares e próprios, como a vida em meio de riscos e perigos e a guerra contra as paixões. Sobre esse conflito escreve nas *Confissões*: “A carne tem desejos contra o espírito e o espírito contra a carne”⁴⁴. Acrescenta que nossas guerras internas jamais teriam existido, se nossa natureza se houvesse mantido na retidão em que foi criada, isto é, colocando-se acima das coisas materiais. Afinal, a origem do mal não é necessariamente a matéria, mas sim o apego, de modo que “quem se serve mal é aquele que se apega a tais bens [materiais] de maneira a se embarçar com eles.”⁴⁵

Do ponto de vista da ontologia agostiniana, o terceiro termo é o peso (*ordo*), que confere estabilidade, uma ordem em função de uma finalidade. Sob este aspecto, Deus é a causa final do universo. Na tripartição da filosofia, há a correlação com a moral, que diz respeito à ação, à ordem das ações.

Ora, a ética estoica pauta-se pela ação, a forma correta de viver de acordo com a compreensão e aceitação da ação do *lógos* no universo. Ação esta que, para o filósofo de Hipona, é íntima à vontade (*voluntas*, na trindade do conhecimento de si), a qual, por sua vez, é imagem do Espírito Santo, terceiro termo da Trindade cristã. As palavras do filósofo ratificam o enunciado: “Neste enigma, nada demonstrei que se assemelhasse ao Espírito Santo, a não ser nossa vontade ou nosso amor.”⁴⁶

42 AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus* (contra os pagãos). Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. 2 v. Livro XIV, 25.

43 *Id.* *Confissões*. Edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 479.

44 *Id.*, *Op. Cit.*, p. 339.

45 *Id.* *O Livre-Arbítrio*. Tradução de Nair Assis de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995, Livro I, 33.

46 *Id.* *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005, Livro XV, 41.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *O Mestre*. Tradução de António Soares Pinheiro. 3. ed. São Paulo: Landy Editora, 2006.
- _____. *A Trindade*. Tradução de Agustino Belmonte. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Confissões*. Edição bilíngue. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- _____. *O Livre-Arbitrio*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. *A Cidade de Deus: contra os pagãos*. Tradução de Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990, 2 v.
- ARRIANO. *Manuel d'Épictète*. Tradução de Emmanuel Cattin. Paris: Flammarion, 1997.
- FILHO, M. A. N. "Agostinho: a razão e as paixões". *Mente, Cérebro & Filosofia*. Volume I, p. 72-77.
- GILSON, E. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2006.
- GUIMARÃES, A.; MATOS, C. E., et al. "Santo Agostinho: O Idealizador da Revelação Divina." *Nova Escola Especial Grandes Pensadores*. Volume único/ número 19 (2008), p. 17-19.
- LARA, T. A. *Caminhos da razão no Ocidente: a filosofia nas suas origens gregas*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- MARQUES, M. J. B. "Conhece-te a ti mesmo". *Mente, Cérebro & Filosofia*. Volume I, p. 78-85.
- POHLENZ, M. *La Stoa: Storia di un movimento spirituale*. Tradução de Ottone de Gregorio. 1. ed. Firenze: La Nuova Italia, 1967, 2 v.
- SÉRVULO, M. "A Ética em Agostinho a partir de duas Similitudes Trinitárias: A Filosofia (Física, Lógica, Ética) e a trindade do conhecimento de si (*memoria, intellegentia, voluntas*)". *Veritas*. Volume XL/número 159 (1995), p. 351-354.
- ULLMANN, R. A. *Epicuro: O filósofo da alegria*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- ULLMANN, R. A. *O Estoicismo Romano*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- ZENÓN; ARISTÓN; et al. *Los Estoicos Antiguos: Zenón de Citio, Aristón de Quíos, Apolófanes, Hérido de Calcedonia, Dionisio de Heraclea, Perseo de Citio, Cleantes, Espero*. Tradução de Ángel J. Cappelletti. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 203-214
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------